



# COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE

RELATÓRIO

*VOLUME III*

*MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS*

dezembro / 2014

© 2014 – Comissão Nacional da Verdade (CNV)

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

## **COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE**

José Carlos Dias

José Paulo Cavalcanti Filho

Maria Rita Kehl

Paulo Sérgio Pinheiro

Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari

Rosa Maria Cardoso da Cunha

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca da Comissão Nacional da Verdade

B823r

Brasil. Comissão Nacional da Verdade.

Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade. –

Brasília: CNV, 2014.

1996 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 3)

ISBN 978-85-85142-63-6 (Coleção digital)

ISBN 978-85-85142-66-7 (v. 3 digital)

1. Ditadura militar - Brasil. 2. Violação de Direitos Humanos. 3. Relatório final. I. Título.

CDD 323.81044



## ***ANA MARIA NACINOVIC CORRÊA***

**FILIAÇÃO:** Anadyr de Carvalho Nacinovic  
e Mário Henrique Nacinovic

**DATA E LOCAL DE NASCIMENTO:** 25/3/1947, Rio de Janeiro (RJ)

**ATUAÇÃO PROFISSIONAL:** estudante

**ORGANIZAÇÃO POLÍTICA:** Ação Libertadora Nacional (ALN)

**DATA E LOCAL DA MORTE:** 14/6/1972, São Paulo (SP)

### **BIOGRAFIA<sup>1</sup>**

Nascida no Rio de Janeiro, Ana Maria Nacinovic Corrêa realizou seus estudos primários e secundários no Colégio São Paulo, em Ipanema (RJ). Ingressou na Faculdade de Belas Artes aos 21 anos, mas não chegou a concluir o curso. Ana Maria ligou-se à ALN no Rio de Janeiro (RJ) e, depois, deslocou-se para São Paulo (SP), com o objetivo de integrar o comando regional da organização. Em setembro de 1971, foi a única sobrevivente de uma emboscada do Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo (DOI-CODI/SP) contra militantes da ALN, na rua João Moura, em São Paulo (SP). Nessa operação morreram Antônio Sérgio de Matos, Manuel José Mendes Nunes e Eduardo Antônio da Fonseca. Ana Maria morreu aos 25 anos de idade, em 14 de junho de 1972. Em 16 de outubro de 1973, apesar de oficialmente morta, a militante foi condenada, à revelia, a 12 anos de prisão, com base no artigo nº 28 do Decreto-Lei nº 898/1969.

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO ATÉ A INSTITUIÇÃO DA CNV**

Em 24 de abril de 1997, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos (CEMDP) reconheceu a responsabilidade do Estado brasileiro na morte de Ana Maria Nacinovic Corrêa. Seu nome consta no *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*, orga-

nizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Em sua homenagem, uma creche em São Paulo recebeu seu nome em 1992, o mesmo ocorreu com uma rua no bairro de Bangu, no Rio de Janeiro.

### **CIRCUNSTÂNCIAS DE MORTE**

A versão dos órgãos de segurança sobre a morte de Ana Maria e outros dois militantes da ALN, Iuri Xavier Pereira e Marcos Nonato da Fonseca, foi divulgada nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Estado de S. Paulo* nas edições de 15 de junho de 1972. De acordo com a nota, “por volta das 14h, os agentes de segurança aproximaram-se dos terroristas, dando-lhes voz de prisão, tendo os citados terroristas reagido a bala de armas automáticas e metralhadoras”. Como consequência desse enfrentamento, teriam morrido “no local, os terroristas Iuri Xavier Pereira, Ana Maria Nacinovic Corrêa e Marcos Nonato da Fonseca”.<sup>2</sup> Ainda segundo essa versão, o cerco policial teria sido montado depois de uma denúncia com o objetivo de capturar indivíduos procurados pelas forças de repressão. O confronto armado teria ocorrido no restaurante Varella, no bairro da Mooca, em São Paulo, onde os agentes de segurança localizaram quatro militantes da ALN – três dos quais morreram, enquanto o quarto, Antônio Carlos Bicalho Lana, conseguiu escapar. Segundo documento do CIE, a

Informação nº 0571/S-102-A11-CIE, datada de 12 de junho de 1972,

Após assalto à firma D. F. Vasconcelos, os órgãos de segurança desenvolveram intensas buscas na área da Grande São Paulo, e, em consequência, na manhã do dia 14 Jun 72, foram localizados 4 dos 5 terroristas que participaram do assalto a D. F. Vasconcelos, sendo reconhecidos os 4 antes nominados. Foi feito um cerco ao local, devido à alta periculosidade dos terroristas, os agentes de segurança passaram a vigiar e controlar os seus passos, aguardando um momento propício para efetuar as prisões. [...] por volta das 14 horas, os agentes da segurança aproximaram-se dos terroristas, dando-lhes voz de prisão, tendo os citados terroristas prontamente reagido à bala de armas automáticas e metralhadora. No intenso tiroteio que estabeleceu, os terroristas conseguiram ferir: – dois agentes da Segurança; – a menina Irene Dias, de 3 anos de idade...; Rodolfo Aschrman... que passava pelo local.<sup>3</sup>

Uma apostila da Escola Nacional de Informações (Esni), de 1974, intitulada “Contra subversão”, inclui, na página 233, um croqui com detalhes da operação: em duplas, os agentes posicionaram-se dentro do restaurante, na carpintaria, no terreno ao lado do local e no telhado de um posto de gasolina, apoiados por um carro estacionado em uma das esquinas.<sup>4</sup>

Evidências, no entanto, contradizem a versão de morte em tiroteio e indicam que os militantes foram vítimas de execução e, provavelmente, de tortura, nas dependências do DOI-CODI do II Exército (SP). Apesar de tratar-se de confronto armado em local público, não foi realizada perícia de local que permitisse comprovar o suposto tiroteio, e os corpos dos militantes mortos não foram levados para o necrotério. Também não foram localizados documentos que registrem a relação das armas utilizadas ou mostrem fotos do local, como também não foram encontrados exames de

corpo de delito dos policiais ou dos transeuntes feridos, mencionados na nota divulgada.

Em depoimento prestado à Comissão da Verdade do estado de São Paulo Rubens Paiva, em 24 de fevereiro de 2014, Francisco de Andrade, preso entre novembro de 1971 a novembro de 1972 na Oban, declarou:

Bom, numa dessas voltas, porque, possivelmente, deve ser do meio da tarde pra frente, porque esses depoimentos eram sempre à tarde, né? Nunca aconteciam de manhã esses depoimentos oficiais no DOPS. Na volta de um desses depoimentos, quando o carro da OBAN parou no pátio de estacionamento... Parava num pátio, você vinha andando e entrava... Que é aqui nessa antiga delegacia aqui da Rua Tutoia. Tinha um pátio lá fora e você andava uma coisa meio aberta e entrava num portão de ferro que dava acesso à delegacia. Antes desse portão de ferro, na hora que a gente estava voltando, eu vi três corpos no chão, que era o Iuri, a Ana Maria e o Marcos. Mortos. Vestidos. Você sempre tem insistido nessa coisa que eles quando legalizam estão todos... Estavam lá. Também uma coisa como se tivesse acontecido naquele momento. Mas nesse dia, ali no pátio da OBAN estavam os três ali e eles estavam mortos. Isso eu tenho certeza, eu vi bem, eu conhecia muito bem.<sup>5</sup>

Seu testemunho é corroborado pelas fichas de identificação de Ana Maria e Iuri Xavier, feitas no DOI-CODI do II Exército, que registram como data de entrada nesse órgão o dia 14 de junho de 1972.<sup>6</sup>

Nas investigações realizadas pela CEMDP, o perito Celso Nenevê, após análise dos casos e dos materiais periciais disponíveis, recomendou a exumação e exame dos restos mortais dos militantes mortos. Os familiares decidiram promover por conta própria a exumação dos restos mortais de Ana Maria, Iuri Xavier e Marcos Nonato, que foram examinados pelo antropólogo forense Luís Fondebrider, da Equipe Argentina de Antropologia Forense,

e pelo perito brasileiro Nelson Massini. A análise comparativa entre o laudo de necropsia, concluído no Instituto Médico Legal de São Paulo em 20 de junho de 1972, e o laudo produzido pelos peritos mencionados em janeiro de 1997 evidencia grandes contradições.

O laudo de exame de corpo de delito de Ana Maria, assinado pelos médicos Isaac Abramovitch e Abeylardo de Q. Orsini, corrobora a falsa versão da morte e indica que o corpo da militante estava sem roupas quando deu entrada no IML, situação pouco comum se considerado o fato de que morreu em tiroteio em lugar público.<sup>7</sup>

Constatou-se que no esqueleto de Ana Maria somente o fêmur esquerdo apresentava fratura *peri mortem*, ferimento que não causou a morte. Em contradição com o laudo realizado à época, que apontou dois disparos por arma de fogo, os peritos encontraram três projéteis. O laudo de 1972 tampouco fez qualquer referência às fraturas e as lesões que, após análise superficial das fotografias encontradas, aparecem visíveis no seio, no ouvido e no pescoço da vítima.<sup>8</sup>

De acordo com o perito Celso Nenevê, outro aspecto que merece destaque é que em todas as fotos encontradas Ana Maria aparece com a boca entreaberta, expondo a arcada dentária superior. Essa condição sugere, segundo o profissional,

a possibilidade de insuficiência respiratória, a qual poderia ser resultante de lesão em órgãos deste sistema. Como não consta exame interno, nada se pode inferir do motivo da boca estar entreaberta. Outrossim, cabe salientar que a lesão da

região mamária direita poderia causar insuficiência respiratória, dependendo para tanto da intensidade (profundidade) e das características do agente causador.<sup>9</sup>

Os restos mortais de Ana Maria Nacinovic foram entregues à família e foram sepultados no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

## LOCAL DE MORTE

Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna de São Paulo ligado ao II Exército (DOI-CODI/II Exército – São Paulo).

## IDENTIFICAÇÃO DA AUTORIA

### 1. CADEIA DE COMANDO DO(S)

#### ÓRGÃO(S) ENVOLVIDO(S):

##### 1.1. DOI-CODI DO II EXÉRCITO

**Presidente da República:** general de Exército Emílio Garrastazu Médici

**Ministro do Exército:** general de Exército Orlando Beckmann Geisel

**Comandante do II Exército:** general de Exército Humberto de Souza Mello

**Chefe do Estado Maior do II Exército:** general de Brigada Ernani Ayrosa da Silva

**Comandante da 2ª Região Militar:** general de Exército Fernando Belfort Bethlem

**Chefia da 2ª Seção:** coronel Flávio Hugo de Lima Rocha

**Chefe do DOI do II Exército:** coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra

## 2. AUTORIA DAS GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

| NOME                             | ÓRGÃO                     | FUNÇÃO               | CONDUTA PRATICADA PELO AGENTE          | LOCAL DA GRAVE VIOLAÇÃO | FONTE DOCUMENTAL/TESTEMUNHAL SOBRE A AUTORIA  |
|----------------------------------|---------------------------|----------------------|--|-------------------------|---|
| Carlos Alberto Brillhante Ustra. | DOI-CODI/II Exército -SP. | Comandante.          | Tortura e assassinato.                 | São Paulo (SP).         | Comandante do DOI-CODI/SP de 1970-1974.   |
| Pedro Lima Moézia de Lima.       | DOI-CODI/II Exército -SP. |                      | Prisão.                                | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier Pereira à CNV em 06/08/2014. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33.                                   |
| Dulcídio Wanderley Boschili.     | DOI-CODI/II Exército -SP. | Primeiro-sargento.   | Prisão.                                | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier Pereira na 108ª Audiência da Comissão da Verdade de São Paulo. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33. |
| Renato D'Andréa.                 | DOPS/ SP.                 | Delegado de Polícia. | Prisão.                                | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier à CNV em 6/8/2014. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33.   |
| Isaac Abramovitch.               | IML/SP.                   | Médico-legista.      | Inserção de informação falsa no laudo. | São Paulo (SP).         | Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002.  |
| Abeylard de Queiroz Orsini.      | IML/SP.                   | Médico-legista.      | Inserção de informação falsa no laudo. | São Paulo (SP).         | Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002.  |
| Pedro Nunes de Oliveira.         | PM/SP.                    | Policial Militar.    | Falso testemunho.                      | São Paulo (SP).         | Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002.  |

## FONTES PRINCIPAIS DE INVESTIGAÇÃO

### 1. DOCUMENTOS QUE ELUCIDAM AS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL                             | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO                 | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                       | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO  |
|---|--|---|---|
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, p. 23-24.  | Relatório, s/d.                            | DOPS/SP.  | Relata as investigações dos órgãos de segurança efetuadas após a ação do "Comando Gastone Lúcia Beltrão" da ALN no roubo da firma D.F. Vasconcelos, em São Paulo. O nome de Ana Maria consta na lista de "terroristas" procurados.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 30-31. | Requisição de Exame, 14/6/1972.            | IML/SP.   | Informa a versão da morte em consequência de tiroteio. Indica o deslocamento do corpo para o Rio de Janeiro e o enterro no cemitério São João Batista.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 34-36. | Laudo de Exame de Corpo Delito, 20/6/1972. | IML/SP.   | Descreve a versão da morte de Ana Maria como sendo atingida por disparo de arma de fogo ao travar tiroteio com os órgãos de segurança. Detalha o estado do corpo após a morte, citando a entrada de um projétil junto à região frontal e a morte em função de lesões traumáticas no crânio. |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, p. 37.     | Certidão de óbito, 16/6/1972.              | Cartório: Rua da Mooca, 3444, 33º Subdistrito/SP. | Apona que Ana Maria faleceu em virtude de lesões traumáticas crâneo encefálicas. A certidão teve como declarante Carlos Machado de Oliveira.  |

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL  | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO  | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO  | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO  |
|--|---|--|---|
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 40-48.  | Ofício nº 464/1972, 16/6/1972.  | DOPS/SP.   | Ofício assinado pelo delegado Alcides Cintra Bueno Filho, autoriza a retirada do corpo de Ana Maria pela família e determina que o caixão seja entregue lacrado.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, p. 49.  | Ficha individual de Ana Maria Nacinovic (s/d).                              | DOI-CODI/SP.   | A ficha indica como data de identificação de Ana Maria Nacinovic, 14/6/1972.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, p. 51.  | Ofício nº 487/72, 22/6/1972.  | DOPS/SP.   | Documento assinado pelo delegado Alcides Cintra Bueno Filho, encaminha ao Juiz Auditor da 2ª Auditoria da 2ª Região Militar, os atestados de óbito de Ana Maria Nacinovic Corrêa, Iuri Xavier Pereira e Marcos Nonato Fonseca.        |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 55-58.  | Fichário individual.  | Delegacia de Ordem Política e Social.  | Ficha de Ana Maria Nacinovic que indica que ela estava com um mandado de prisão desde 24/6/1971 até citação feita no <i>Jornal do Brasil</i> que indica que morreu sob torturas, publicada em 29/3/1978.                              |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, p. 53.  | Cópias de mandados de prisão, 14/5/1973.                                    | Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Divisão de capturas e pessoas desaparecidas. | Devolução de cópias de mandados de prisão preventiva, entre eles o de Ana Maria Nacinovic, apesar de ela estar morta.   |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, p. 68.  | Declaração de Francisco Carlos de Andrade, 26/3/1996.                       | CEMDP.   | Reconhece os corpos de Ana Maria Nacinovic e Iuri Xavier no pátio do DOI-CODI, comprovando que os corpos foram levados para este local e não para o IML.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 75-84.  | Parecer criminalístico do perito Celso Nenevê, assessor da CEMDP, 6/8/1996. | Polícia Civil (DF), Instituto de Criminalística.   | Análise da do laudo de exame de corpo de delito e das fotografias de Ana Maria Nacinovic.   |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 107-120.  | Informe Antropológico Forense.  | Equipo argentino de Antropología Forense.  | Trabalho de exumação e análise de laboratórios dos restos ósseos de Marco Nonato de Fonseca e Ana Maria Nacinovic de Corrêa, realizados na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 13 e 15 de janeiro de 1997.                        |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0063_0007, pp. 19-21.  | “Três Terroristas morrem em tiroteio” 15/06/1972.                           | <i>O Estado de S. Paulo.</i>   | Divulga a versão da morte de Marcos Nonato da Fonseca, reproduzindo a dos órgãos de segurança.  |
| Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional): PRC_SPR_00009_030015, pasta 00058, p. 21. < <a href="http://hemerotecadigital.bn.br/">http://hemerotecadigital.bn.br/</a> >. | “Terroristas resistem e são mortos durante o tiroteio”, 15/6/1972.          | <i>Jornal do Brasil.</i>   | Relata a versão dos órgãos de segurança para a morte de Ana Maria no conflito com os órgãos de segurança. Apresenta a ficha da militante, anunciando seus codinomes, sua trajetória política e as ações armadas das quais participou. |
| Arquivo Nacional, SNI: AC_ACE_44662_72, pp. 2-7.   | Informe nº 727 s/103.4, 23/3/1972.  | Centro de Informações do Exército (CIE).   | Informe sobre a ALN e o Molipo que aponta o nome de Ana Maria Nacinovic como militante da “regional São Paulo”.   |
| Arquivo Nacional, CISA: BR_AN_BSB_VAZ_015_0060, pp. 1-4.   | Pedido de Busca nº 102/DSEG4, 8/6/1971.                                     | Deops/SP.  | Solicita a “localização e prisão” de uma lista de militantes, entre eles, Ana Maria Nacinovic.  |

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL  | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO                                      | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                                | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO   |
|------------------------------------|---|--|--|
| Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53. | 108ª Audiência pública no auditório Teotônio Vilela, 24/2/2014. | Comissão da Verdade do estado de São Paulo "Rubens Paiva". | Composta por José Carlos Dias (CNV), Iara Xavier Pereira (ex-integrante da ALN), Francisco Carlos de Andrade (ex-presos político), Pedro Luiz Lemos Cunha (perito da CNV) e Mário Yared (perito da CNV). |
| Arquivo CNV, 00092.000493/2012-48. | "Contra subversão".   | Escola Nacional de Informações (Esní).                     | Croqui com detalhes da operação que resultou na morte de Ana Maria Nacinovic, Marcos Nonato da Fonseca e Iuri Xavier Pereira.  |

## 2. TESTEMUNHOS SOBRE O CASO PRESTADOS À CNV E ÀS COMISSÕES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E SETORIAIS

| IDENTIFICAÇÃO DA TESTEMUNHA  | FONTE   | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO  |
|------------------------------|---|---|
| Francisco Carlos de Andrade. | Comissão da Verdade do estado de São Paulo "Rubens Paiva". Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53. | Declarou que no pátio da Oban viu os corpos de Marcos Nonato da Fonseca, Iuri Xavier Pereira e Ana Maria Nacinovic. |

## 3. DEPOIMENTOS DE MILITARES E SERVIDORES PÚBLICOS À CNV E ÀS COMISSÕES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E SETORIAIS

| IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE | FONTE   | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO   |
|---------------------------|---|--|
| Coronel Pedro Ivo Moézia. | Depoimento concedido à CNV no dia 9 de setembro de 2014. Arquivo CNV, 00092.002166/2014-92. | Relata as circunstâncias da operação realizada para emboscar Ana Maria Nacionovic Corrêa, Iuri Xavier e Marcos Nonato Fonseca. |

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Diante das investigações realizadas, conclui-se que Ana Maria Nacinovic Corrêa foi executada por agentes do Estado brasileiro, em um contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidas pela ditadura militar implantada no país a partir de abril de 1964.

Recomenda-se a continuidade das investigações sobre as circunstâncias da morte de Ana Maria Nacinovic Corrêa, assim como a identificação dos demais agentes envolvidos no caso.

1 – BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. *Direito à memória e à verdade: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007, pp. 300-303; Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Instituto de Estudos sobre a violência do Estado – IEVE. *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. São Paulo, 2009, pp. 348-353.

2 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, p. 19.

3 – Arquivo Nacional, SNI: BR\_DFANBSB\_V8\_AC\_ACE\_109623\_75\_004, p. 330.

4 – Arquivo CNV, 00092.000493/2012-48, p. 233.

5 – Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53, p. 19.

6 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, p. 49.

7 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, pp. 34-36.

8 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, pp. 107-120.

9 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, pp. 75-84.





## ***IURI XAVIER PEREIRA***

**FILIAÇÃO:** Zilda Xavier Pereira e João Baptista Xavier Pereira

**DATA E LOCAL DE NASCIMENTO:** 2/8/1948, Rio de Janeiro (RJ)

**ATUAÇÃO PROFISSIONAL:** estudante

**ORGANIZAÇÃO POLÍTICA:** Ação Libertadora Nacional (ALN)

**DATA E LOCAL DE DESAPARECIMENTO:** 14/6/1972, São Paulo (SP)

### **BIOGRAFIA<sup>1</sup>**

Nascido no Rio de Janeiro (RJ), Iuri Xavier Pereira cursou o primário na Escola Municipal Alberto Barth e o secundário no Colégio Anglo-Americano, ambos naquela cidade. Com o golpe de estado de 1964, sua casa foi invadida e saqueada e sua família passou a viver na clandestinidade. Iuri tornou-se militante do PCB, o mesmo partido de seus pais. Um ano depois ingressou na Escola Técnica Nacional e passou a atuar ativamente no movimento estudantil. Nas disputas internas do PCB, posicionou-se contra as teses defendidas pela direção do partido, motivo pelo qual apoiou Carlos Marighella na fundação da Ação Libertadora Nacional (ALN). Viajou para Cuba em 1969, onde fez treinamento de guerrilha. Naquele mesmo ano, sua mãe, Zilda Xavier Pereira, também dirigente da ALN, foi presa e torturada, mas conseguiu fugir. Iuri retornou ao Brasil em maio de 1970, quando passou a integrar o Comando Nacional da ALN. Fundou e dirigiu diversos órgãos informativos no movimento estudantil: *O Moita*, depois chamado *Radar*, na escola técnica; e *O Micron*, órgão oficial da Agremiação Estudantil Técnica Industrial (AETI). Desenvolveu com Gelson Reicher (militante da ALN assassinado com o irmão Alex, em 1972) um trabalho de imprensa clandestina e, juntos, criaram os jornais *1º de Maio*, *Ação* e *O Guerrilheiro*. Como militante sofreu intensa perseguição policial, o

que não o impediu de participar ativamente, por meio de diversos artigos e documentos, das discussões internas da ALN.

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO ATÉ A INSTITUIÇÃO DA CNV**

Em decisão de 24 de abril de 1997, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos (CEMDP) reconheceu a responsabilidade do estado brasileiro pela morte de Iuri Xavier Pereira. Seu nome consta no *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*, organizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Há uma rua nomeada em sua homenagem no bairro Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro (RJ), bem como outra no bairro Macaxeira, em Recife (PE). Iuri foi reconhecido como anistiado político *post mortem* pela Comissão de Anistia, em 4 de janeiro de 2013.

### **CIRCUNSTÂNCIAS DE MORTE**

A versão dos órgãos de segurança sobre a morte de Ana Maria e outros dois militantes da ALN, Iuri Xavier Pereira e Marcos Nonato da Fonseca, foi divulgada nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Estado de S. Paulo* nas edições de 15 de junho de 1972. De acordo com a nota, “por volta das 14h, os agentes de segurança aproximaram-se dos terroristas, dando-lhes voz de

prisão, tendo os citados terroristas reagido à bala de armas automáticas e metralhadoras”. Como consequência desse enfrentamento, teriam morrido “no local, os terroristas Iuri Xavier Pereira, Ana Maria Nacinovic Corrêa e Marcos Nonato da Fonseca”.<sup>2</sup> Ainda segundo essa versão, o cerco policial teria sido montado depois de uma denúncia com o objetivo de capturar indivíduos procurados pelas forças de repressão. O confronto armado teria ocorrido no restaurante Varella, no bairro da Mooca, em São Paulo (SP), onde os agentes de segurança localizaram quatro militantes da ALN – três dos quais morreram, enquanto o quarto, Antônio Carlos Bicalho Lana, conseguiu escapar. Segundo documento do CIE, a Informação nº 0571/S-102-A11-CIE, datada de 12 de junho de 1972:

Após assalto à firma D. F. Vasconcelos, os órgãos de segurança desenvolveram intensas buscas na área da Grande São Paulo, e, em consequência, na manhã do dia 14 de junho de 1972, foram localizados quatro dos cinco terroristas que participaram do assalto a D. F. Vasconcelos, sendo reconhecidos os quatro antes nominados. Foi feito um cerco ao local, devido à alta periculosidade dos terroristas, os agentes de segurança passaram a vigiar e controlar os seus passos, aguardando um momento propício para efetuar as prisões. [...] por volta das 14 horas, os agentes da segurança aproximaram-se dos terroristas, dando-lhes voz de prisão, tendo os citados terroristas prontamente reagido à bala de armas automáticas e metralhadora. No intenso tiroteio que se estabeleceu, os terroristas conseguiram ferir: – dois agentes da Segurança; – a menina Irene Dias, de 3 anos de idade...; Rodolfo Aschrman... que passava pelo local.<sup>3</sup>

Uma apostila da Escola Nacional de Informações (Esni), de 1974, intitulada “Contra subversão”, inclui, na página 233, um croqui com detalhes da operação: em duplas, os agentes posicionaram-se dentro do restaurante, na carpintaria, no terreno

ao lado do local e no telhado de um posto de gasolina, apoiados por um carro estacionado em uma das esquinas.<sup>4</sup>

Evidências, no entanto, contestam a versão da morte em tiroteio e indicam que os militantes foram vítimas de execução e, provavelmente, de tortura, nas dependências do DOI-CODI do II Exército (SP). Apesar de tratar-se de confronto armado em local público, não foi realizada perícia de local que permitisse comprovar o suposto tiroteio, e os corpos dos militantes mortos não foram levados para o necrotério. Também não foram localizados documentos que indiquem a relação das armas utilizadas ou mostrem fotos do local, como também não foram encontrados exames de corpo de delito dos policiais ou dos transeuntes feridos, mencionados na nota divulgada.

Em depoimento prestado à Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, em 24 de fevereiro de 2014, Francisco de Andrade, preso entre novembro de 1971 a novembro de 1972 na Oban, declarou:

Bom, numa dessas voltas, porque, possivelmente, deve ser do meio da tarde pra frente, porque esses depoimentos eram sempre à tarde, né? Nunca aconteciam de manhã esses depoimentos oficiais no DOPS. Na volta de um desses depoimentos, quando o carro da parou no pátio de estacionamento... Parava num pátio, você vinha andando e entrava... Que é aqui nessa antiga delegacia aqui da rua Tutoia. Tinha um pátio lá fora e você andava uma coisa meio aberta e entrava num portão de ferro que dava acesso à delegacia. Antes desse portão de ferro, na hora que a gente estava voltando, eu vi três corpos no chão, que era o Iuri, a Ana Maria e o Marcos. Mortos. Vestidos. Você sempre tem insistido nessa coisa que eles quando legalizam estão todos... Estavam lá. Também uma coisa como se tivesse acontecido naquele momento. Mas nesse dia, ali no pátio da Oban estavam os três ali e eles estavam mortos. Isso eu tenho certeza, eu vi bem, eu conhecia muito bem.<sup>5</sup>

Seu testemunho é corroborado pelas fichas de identificação de Ana Maria e Iuri Xavier, feitas no DOI-CODI do II Exército, que registram como data de entrada nesse órgão o dia 14 de junho de 1972.<sup>6</sup>

Nas investigações realizadas pela CEMDP, o perito Celso Nenevê, após análise dos casos e dos materiais periciais disponíveis, recomendou a exumação e o exame dos restos mortais dos militantes mortos. Os familiares decidiram promover por conta própria a exumação dos restos mortais de Ana Maria, Iuri Xavier e Marcos Nonato, que, foram examinados pelo antropólogo forense Luís Fondebrider, da Equipe Argentina de Antropologia Forense, e pelo perito brasileiro Nelson Massini. A análise comparativa entre o laudo de necropsia, concluído no Instituto Médico Legal de São Paulo em 20 de junho de 1972, e o laudo produzido pelos peritos mencionados em janeiro de 1997 evidencia grandes contradições.

No caso de Iuri Xavier, constatou-se que havia sido atingido por pelo menos seis projéteis de arma de fogo, o que difere do laudo original, que indicara apenas três. Por outro lado, a análise das fotografias disponíveis permitiu comprovar que o corpo de Iuri apresentava lesões múltiplas, evidência de que havia sido agredido quando ainda estava vivo. O laudo elaborado pelo doutor Massini indica ainda a existência de duas perfurações de entrada de arma de fogo no coração, as quais são características de disparos efetuados contra alvo imóvel e típicas de tiros de misericórdia ou de execução. Essas perfurações não foram descritas no documento de 1972. O laudo de exame necroscópico, de 20 de junho de 1972, assinado pelos legistas Issac Abramovitch e Abeylard de Queiroz Orsini, corrobora a falsa versão e indica que Iuri vestia “cueca azul e meias cinzas”, vestimenta pouco usual para alguém que estaria almoçando num restaurante.

A ausência de informações no laudo de exame necroscópico sobre os ferimentos observados no corpo e de descrição da trajetória

dos projéteis de arma de fogo impediu que importantes circunstâncias da morte de Iuri fossem esclarecidas à época dos exames. Em 24 de fevereiro de 2014, o núcleo pericial da CNV produziu laudo sobre a morte de Iuri Xavier Pereira com base nas peças técnicas produzidas em 1972, 1996 e 1997. Os peritos concluíram que, dos projéteis que atingiram Iuri, um no tórax e dois no crânio, pelo menos um foi disparado de cima para baixo, quando ele se encontrava no chão. Por outro lado, os ferimentos na crista ilíaca e no perônio, ambos do lado esquerdo do corpo de Iuri, podem caracterizar técnica de captura. As marcas em seu braço e antebraço esquerdos indicam que Iuri pode ter esboçado gesto de defesa.

A equipe de peritos da CNV também consultou a publicação *Ação subversiva no Brasil*, produzida pelo Cenimar em maio de 1972, cujas folhas de números 231 a 233 trazem descrição e ilustração sobre a ação dos agentes de segurança na operação que resultou na morte de Iuri Xavier Pereira. A ilustração mostra Iuri sendo atingido por projéteis de arma de fogo na parte posterior do seu corpo e reagindo com disparos; no entanto, a única ferida de entrada de projétil de arma de fogo observada na parte posterior do corpo de Iuri localiza-se na região occipital e, como visto anteriormente, é paralisante e impediria qualquer reação ou movimentação do militante. Ademais, a comparação entre o laudo de exame necroscópico e a análise realizada a partir da exumação demonstra que apenas em torno de 56% das feridas existentes no corpo de Iuri foram relatadas no laudo. Além disso, dentre os achados descritos no laudo, não consta o ferimento produzido por entrada de projétil de arma de fogo na região occipital esquerda, que poderia demonstrar a intenção de causar a morte, em evento compatível com execução.

Iuri Xavier Pereira foi enterrado como indigente no Cemitério Dom Bosco, em Perus, na cidade de São Paulo (SP), e somente em 1982

seus restos mortais foram localizados e trasladados para o Rio de Janeiro. Em 21 de março de 2014, o Instituto Nacional de Criminalística (INC) produziu um laudo que atestou que os restos mortais encontrados são compatíveis com os de um filho biológico de Zilda Paula Xavier Pereira, o que, considerando-se as circunstâncias, permitiu concluir tratarem-se dos restos mortais de Iuri Xavier Pereira.

## LOCAL DE MORTE

Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna ligado ao II Exército em São Paulo (DOI-CODI/II Exército – São Paulo), SP.

## IDENTIFICAÇÃO DA AUTORIA

### 1. CADEIA DE COMANDO DO(S) ÓRGÃO(S) ENVOLVIDO(S)

### 2. AUTORIA DE GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

#### 1.1. DOI-CODI/SP

**Presidente da República:** general de Exército Emílio Garrastazu Médici

**Ministro do Exército:** general de Exército Orlando Beckman Geisel

**Comandante do II Exército:** general de Exército Humberto de Souza Mello

**Chefe do Estado Maior do II Exército:** general de Exército Ernani Ayrosa da Silva

**Comandante da 2ª Região Militar:** general de Exército Fernando Belfort Bethlem

**Chefia da 2ª Seção:** coronel Flávio Hugo de Lima Rocha

**Chefe do DOI do II Exército:** coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra

| NOME                            | ÓRGÃO                     | FUNÇÃO                         | CONDUTA PRATICADA PELO AGENTE | LOCAL DA GRAVE VIOLAÇÃO | FONTE DOCUMENTAL/TESTEMUNHAL SOBRE A AUTORIA  |
|---------------------------------|---------------------------|--------------------------------|-------------------------------|-------------------------|---|
| Carlos Alberto Brilhante Ustra. | DOI-CODI/ II Exército-SP. | Comandante                     | Tortura e assassinato.        | São Paulo (SP).         | Comandante do DOI-CODI/SP de 1970-1974.   |
| Pedro Lima Moézia de Lima.      | DOI-CODI/ II Exército-SP. |                                | Prisão                        | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier Pereira à CNV em 06/08/2014. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33.   |
| Dulcídio Wanderley Boschili.    | DOI-CODI/ II Exército-SP. | Primeiro-sargento.             | Prisão                        | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier Pereira na 108ª Audiência da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33. |
| Renato D'Andréa.                | DOPS/ SP.                 | Delegado de polícia.           | Prisão                        | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier à CNV em 06/08/2014. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33.   |
| Jair Romeu.                     | IML/SP.                   | Funcionário público do IML/SP. | Ocultação de cadáver.         | São Paulo (SP).         | Depoimento de Iara Xavier Pereira à CNV em 06/08/2014. Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33.   |

| NOME                        | ÓRGÃO   | FUNÇÃO            | CONDUTA PRATICADA PELO AGENTE                | LOCAL DA GRAVE VIOLAÇÃO | FONTE DOCUMENTAL/ TESTEMUNHAL SOBRE A AUTORIA     |
|-----------------------------|---------|-------------------|--|-------------------------|---|
| Isaac Abramovitch.          | IML/SP. | Médico-legista.   | Falsificação do laudo de exame necroscópico. | São Paulo (SP).         | Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002 |
| Abeylard de Queiroz Orsini. | IML/SP. | Médico-legista.   | Falsificação do laudo de exame necroscópico. | São Paulo (SP).         | Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002 |
| Pedro Nunes de Oliveira.    | IML/SP. | Policial militar. | Falso testemunho                             | São Paulo (SP).         | Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002 |

## FONTES PRINCIPAIS DE INVESTIGAÇÃO

### 1. DOCUMENTOS QUE ELUCIDAM CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL                               | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO                 | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                      | INFORMAÇÕES RELEVANTES  |
|---|--|--|---|
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, p. 17.       | Certidão de óbito, 14/6/1972.              | Cartório do 20º subdistrito – Jardim América/SP. | Apresenta a versão falsa da morte de Iuri devido a “choque traumático politraumatismo”. Relata que o corpo foi sepultado no Cemitério de Perus, em São Paulo.   |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, pp.186-188.  | Laudo de exame de corpo delito, 20/6/1972. | IML/SP.  | Descreve a versão falsa da morte de Iuri Xavier, segundo a qual foi morto em decorrência de disparo de arma de fogo ao travar tiroteio com órgãos de segurança.   |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, pp. 192-193. | Ficha individual, 14/6/1972.               | DOI-CODI/II Exército.                            | Confirma que Iuri foi preso no DOI-CODI/SP no dia de sua morte, no mesmo local. Consta como motivo da prisão “subversão e terrorismo”.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, pp. 211-213. | Aviso nº 01861, de 2/12/1993.              | Ministério da Justiça (MJ).                      | Apresenta aviso encaminhado pelo então ministro da Justiça, Maurício Correa, ao 2º Secretário da Câmara dos Deputados. O documento relaciona as informações prestadas pelos ministérios militares em resposta ao Ofício PS/RI nº 2092/93, de 18/11/1993, que encaminhou o Requerimento de Informação nº 2720, de 1993, de autoria do deputado Nilmário Miranda. Informa dados disponíveis nos arquivos militares com relação a um grupo de militantes políticos, realçando as versões oficiais divulgadas à época dos acontecimentos que culminaram na morte de Iuri Xavier, especificamente. |

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL   | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO  | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                                       | INFORMAÇÕES RELEVANTES  |
|---|---|---|---|
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, p. 217.  | Declaração de Francisco Carlos de Andrade, 26/3/1996.   | Comissão dos Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos.     | Reconhece os corpos de Ana Maria Nacinovic e Iuri Xavier no pátio do DOI-CODI.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, p. 235.  | Termo de sepultamento, 23/7/1980.   | Serviço funerário do município de São Paulo.                      | Ressalta que o corpo foi primeiramente enterrado como indigente, sendo posteriormente identificado pela família e sepultado no Cemitério de Perus, SP.  |
| Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional): PRC_SPR_00009_030015, 030015_09, pasta 58, p. 28. | “Terroristas resistem e são mortos durante o tiroteio”, 15/6/1972.  | Jornal do Brasil.   | Relata a versão da morte de Iuri Xavier no conflito com os órgãos de segurança. Apresenta a ficha do militante, anunciando seus codinomes, sua trajetória política e as ações armadas das quais participou.   |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, pp. 334-339.                                       | Relatório parcial médico-legal de exumação e identificação dos restos mortais de Iuri Xavier e Alex de Paula Xavier Pereira, 20/6/1996. | Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). | Relatório assinado por Nelson Massini com a confirmação do resultado positivo da exumação do corpo de Iuri Xavier a partir da análise da sua ossada.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0042_0002, pp. 343-356.                                       | Informe antropológico Forense do sr. Luis Bernardo Fondebrider, 16/01/1997.   | Equipe Argentina de Antropologia Forense.                         | Apresenta informações que contribuem para desconstruir a versão oficial da morte, trazendo à tona elementos que não foram identificados no laudo de exame do corpo delito de 1972. O documento relata que a morte de Iuri Xavier se deu devido a muitos tiros que atingiram a cabeça, tórax, membro superior esquerdo e região pélvica. Os orifícios causados pelos projéteis sugerem que o indivíduo estava indefeso no momento do tiroteio. Conclui que a morte foi decorrente de homicídio. O documento contém fotografias que mostram a reconstituição das ossadas. |
| Arquivo Nacional, SNI: BR_DFANBSB_V8_AC_ ACE_12407_8, pp. 2-6.  | Informação nº 143/16/AC/80, 29/10/1980.   | Serviço Nacional de Informações, (SNI).                           | Apresenta o monitoramento feito pelos órgãos de informação do regime sobre o traslado dos “despojos dos terroristas” Alex de Paula Xavier e Iuri Xavier Pereira de São Paulo, onde foram enterrados como indigentes, para o Rio de Janeiro, onde foram enterrados no cemitério de Inhaúma “sem tumultos nem pronunciamentos”.   |
| Arquivo Nacional, SNI: BR_DFANBSB_V8_ AC_ ACE_30217_70 pp. 2-8.                                       | Informação Confidencial Urgente confidencial urgente, 28/9/1970.  | Cenimar.  | Relata que no período de 7/1969 e 1/1970 um grupo de militantes da ALN foi para Cuba realizar o curso de guerrilha rural e urbana. Na lista dos participantes consta o nome de Iuri e o codinome “Afonso”, indicando que o militante vinha sendo monitorado anos antes de sua morte nas dependências do DOI-CODI.   |

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL                               | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO  | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                   | INFORMAÇÕES RELEVANTES   |
|---|---|---|--|
| Arquivo Nacional, SNI: BR_DFANBSB_V8_AC_ACE_42331_71 pp. 2-17.  | Informação nº 0196, 23/11/1971.                                       | Cenimar.                                      | Relata a volta dos militantes da ALN que foram para Cuba ao Brasil e alguns banidos do território nacional, destacando alguns nomes considerados mais “subversivos”. Dentre os elementos “cursados em terrorismo e sabotagem” encontra-se Iuri Xavier.   |
| Arquivo Nacional, Comissão de Anistia: BR_DFMJCA_2012.01.70973. | Requerimento de Anistia de Iuri Xavier Pereira, autuado em 29/6/2012. | Comissão de Anistia.                          | Declara por meio da portaria nº 59, de 4 de janeiro de 2013, que Iuri Xavier é anistiado político <i>post mortem</i> .   |
| Arquivo CNV, Arquivo CNV, 00092.002981/2014-51.                 | Laudo pericial, 24/2/2014.  | CNV.  | Indica que apenas 56% das feridas existentes no corpo de Iuri foram relatadas no laudo de exame necroscópico de 1972, fato que impede a identificação de importantes circunstâncias da morte. Ressalta a ausência de identificação, no laudo de 1972, da ferida de entrada do projétil, que poderia caracterizar, à época, a intenção de causar a morte. |
| Arquivo CNV, Arquivo CNV, 00092.001148/2014-93.                 | Laudo de perícia criminal federal, 21/3/2014.                         | Instituto Nacional de Criminalística (DITEC). | Registra que os restos mortais encaminhados para a perícia demonstram compatibilidade com um filho biológico de Zilda Paula Xavier Pereira, “indicando que não podem ser excluídos como pertencentes à mesma linhagem materna”.  |

## 2. TESTEMUNHOS À CNV E ÀS COMISSÕES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E SETORIAIS

| IDENTIFICAÇÃO DA TESTEMUNHA                                    | FONTE  | INFORMAÇÕES RELEVANTES   |
|--|--|--|
| Francisco Carlos de Andrade Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33. | 108ª Audiência da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. | A testemunha conhecia Alex Xavier e viu os corpos de Gelson Reicher e Alex de Paula Xavier Pereira com tiros, em um carro. |
| Iara Xavier Pereira Arquivo CNV, 00092.001847/2014-33.         | Depoimento de Iara Xavier Pereira à CNV em 6/8/2014.                       | Iara, irmã de Alex Xavier, relata as contradições da versão de sua morte a partir da abertura dos arquivos do DOPS.        |

## 3. DEPOIMENTOS DE MILITARES E SERVIDORES PÚBLICOS À CNV E ÀS COMISSÕES ESTADUAIS, MUNICIPAIS E SETORIAIS

| IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE | FONTE   | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO   |
|---------------------------|---|--|
| Coronel Pedro Ivo Moézia. | Depoimento concedido à CNV no dia 9 de setembro de 2014. Arquivo CNV, 00092.002166/2014-92. | Relata as circunstâncias da operação realizada para emboscar Ana Maria Nacionovic Corrêa, Iuri Xavier e Marcos Nonato Fonseca. |

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Diante das investigações realizadas, conclui-se que Iuri Xavier Pereira morreu a partir de ações perpetradas por agentes do Estado brasileiro, em um contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidos pela ditadura militar implantada no país a partir de abril de 1964.

Recomenda-se a retificação da certidão de óbito de Iuri Xavier Pereira, assim como a continuidade das investigações sobre as circunstâncias do caso para a identificação e a responsabilização dos demais agentes envolvidos.

1 – Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. *Direito à memória e à verdade: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007, pp. 300-303; Comissão de Familiares, Mortos e Desaparecidos Políticos (BRASIL); Instituto de Estudos sobre a Violência do Estado – IEVE. *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 349-353.

2 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, p. 19.

3 – Arquivo CNV, 00092.000493/2012-48, p. 233.

4 – Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53, p. 19.

5 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, p. 49.

6 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, p. 49.





## **MARCOS NONATO DA FONSECA**

**FILIAÇÃO:** Leda Nonato Fonseca e Octávio Fonseca Filho

**DATA E LOCAL DE NASCIMENTO:** 1/6/1953, Rio de Janeiro (RJ)

**ATUAÇÃO PROFISSIONAL:** estudante

**ORGANIZAÇÃO POLÍTICA:** Ação Libertadora Nacional (ALN)

**DATA E LOCAL DA MORTE:** 14/6/1972, São Paulo (SP)

### **BIOGRAFIA<sup>1</sup>**

Nascido no Rio de Janeiro (RJ), Marcos Nonato da Fonseca realizou seus estudos secundários no Colégio Pedro II, onde iniciou suas atividades políticas. Em 1969, com apenas 16 anos, ingressou na ALN e transferiu-se para Minas Gerais, passando a atuar na Coordenação Regional da organização com Aldo de Sá Brito de Souza Neto, assassinado em 1971. Voltou para o Rio de Janeiro e, em seguida, foi deslocado para São Paulo (SP), onde foi morto por agentes do DOI-CODI do II Exército. Morreu em 14 de junho de 1972, aos 19 anos de idade.

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO ATÉ A INSTITUIÇÃO DA CNV**

Em decisão de 24 de abril de 1997, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos (CEMDP) reconheceu a responsabilidade do Estado brasileiro pela morte de Marcos Nonato da Fonseca. Seu nome consta do *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*, organizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Em sua homenagem, há uma rua que leva seu nome no bairro de Bangu, no Rio de Janeiro (RJ).

### **CIRCUNSTÂNCIAS DE MORTE**

A versão dos órgãos de segurança sobre a morte de Marcos Nonato da Fonseca

e outros dois militantes da ALN, Iuri Xavier Pereira e Ana Maria, foi divulgada nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Estado de S. Paulo* nas edições de 15 de junho de 1972. De acordo com a nota, “por volta das 14h, os agentes de segurança aproximaram-se dos terroristas, dando-lhes voz de prisão, tendo os citados terroristas reagido a bala de armas automáticas e metralhadoras”. Como consequência desse enfrentamento, teriam morrido “no local, os terroristas Iuri Xavier Pereira, Ana Maria Nacinovic Corrêa e Marcos Nonato da Fonseca”.<sup>2</sup> Ainda segundo essa versão, o cerco policial teria sido montado depois de uma denúncia com o objetivo de capturar indivíduos procurados pelas forças de repressão. O confronto armado teria ocorrido no restaurante Varella, no bairro da Mooca, em São Paulo (SP), onde os agentes de segurança localizaram quatro militantes da ALN – três dos quais morreram, enquanto o quarto, Antônio Carlos Bicalho Lana, conseguiu escapar. Segundo documento do CIE, a Informação nº 0571/S-102-A11-CIE, datada de 12 de junho de 1972,

Após assalto à firma D. F. Vasconcelos, os órgãos de segurança desenvolveram intensas buscas na área da Grande São Paulo, e, em consequência, na manhã do dia 14 Jun 72, foram localizados 4 dos 5 terroristas que participaram do

assalto a D. F. Vasconcelos, sendo reconhecidos os 4 antes nominados. Foi feito um cerco ao local, devido à alta periculosidade dos terroristas, os agentes de segurança passaram a vigiar e controlar os seus passos, aguardando um momento propício para efetuar as prisões. [...] por volta das 14 horas, os agentes da segurança aproximaram-se dos terroristas, dando-lhes voz de prisão, tendo os citados terroristas prontamente reagido à bala de armas automáticas e metralhadora. No intenso tiroteio que estabeleceu, os terroristas conseguiram ferir: – dois agentes da Segurança; – a menina Irene Dias, de 3 anos de idade...; Rodolfo Aschrman... que passava pelo local.<sup>3</sup>

Uma apostila da Escola Nacional de Informações (EsNI), de 1974, intitulada “Contra subversão”, inclui, na página 233, um croqui com detalhes da operação: em duplas, os agentes posicionaram-se dentro do restaurante, na carpintaria, no terreno ao lado do local e no telhado de um posto de gasolina, apoiados por um carro estacionado em uma das esquinas.<sup>4</sup>

Evidências, no entanto, contestam a versão da morte em tiroteio e indicam que os militantes foram vítimas de execução e, provavelmente, de tortura, nas dependências do DOI-CODI do II Exército (SP). Apesar de tratar-se de confronto armado em local público, não foi realizada perícia de local que permitisse comprovar o suposto tiroteio, e os corpos dos militantes mortos não foram levados para o necrotério. Também não foram localizados documentos que indiquem a relação das armas utilizadas ou mostrem fotos do local, como também não foram encontrados exames de corpo de delito dos policiais ou dos transeuntes feridos, mencionados na nota divulgada.

Em depoimento prestado à Comissão da Verdade do estado de São Paulo Rubens Paiva, em 24 de fevereiro de 2014, Francisco de Andrade, preso entre novembro de 1971 a novembro de 1972 na Oban, declarou:

Bom, numa dessas voltas, porque, possivelmente, deve ser do meio da tarde pra frente, porque esses depoimentos eram sempre à tarde, né? Nunca aconteciam de manhã esses depoimentos oficiais no DOPS. Na volta de um desses depoimentos, quando o carro da OBAN parou no pátio de estacionamento... Parava num pátio, você vinha andando e entrava... Que é aqui nessa antiga delegacia aqui da Rua Tutoia. Tinha um pátio lá fora e você andava uma coisa meio aberta e entrava num portão de ferro que dava acesso à delegacia. Antes desse portão de ferro, na hora que a gente estava voltando, eu vi três corpos no chão, que era o Iuri, a Ana Maria e o Marcos. Mortos. Vestidos. Você sempre tem insistido nessa coisa que eles quando legalizam estão todos... Estavam lá. Também uma coisa como se tivesse acontecido naquele momento. Mas nesse dia, ali no pátio da Oban estavam os três ali e eles estavam mortos. Isso eu tenho certeza, eu vi bem, eu conhecia muito bem.<sup>5</sup>

Seu testemunho é corroborado pelas fichas de identificação de Ana Maria e Iuri Xavier, feitas no DOI-CODI do II Exército, que registram como data de entrada nesse órgão o dia 14 de junho de 1972.<sup>6</sup>

Nas investigações realizadas pela CEMDP, o perito Celso Nenevê, após análise dos casos e dos materiais periciais disponíveis, recomendou a exumação e exame dos restos mortais dos militantes mortos. Os familiares decidiram promover por conta própria a exumação dos restos mortais de Ana Maria, Iuri Xavier e Marcos Nonato, que foram examinados pelo antropólogo forense Luís Fondebrider, da Equipe Argentina de Antropologia Forense, e pelo perito brasileiro Nelson Massini. A análise comparativa entre o laudo de necropsia, concluído no Instituto Médico Legal de São Paulo em 20 de junho de 1972, e o laudo produzido pelos peritos mencionados em janeiro de 1997 evidencia grandes contradições. A requisição de exame e o laudo de exame necroscópico de Marcos corroboram a versão de tiroteio,<sup>7</sup> en-

quanto a certidão de óbito indica como causa de morte “anemia aguda traumática”, tendo sido o corpo sepultado no cemitério da Guanabara.<sup>8</sup>

A comparação entre o Laudo de Exame Necroscópico de Marcos Nonato da Fonseca, datado de 20 de junho de 1972 e assinado pelos médicos legistas Issac Abramovitch e Abeylard de Queiroz Orsini,<sup>9</sup> com os resultados da análise realizada pelos peritos contratados pelos familiares, evidencia incontornáveis contradições. O laudo produzido em 1972 reconheceu que Marcos apresentava:

Ferimento com as características daqueles produzidos pela entrada de projétil de arma de fogo, localizado na linha média da face anterior da porção inferior da região cervical. O projétil, dirigido de frente para trás, de cima para baixo e da direita para a esquerda, fraturou a clavícula esquerda, transfixou o lobo superior do pulmão esquerdo provocou derrame hemorrágico na pleura esquerda, transfixou a omoplata esquerda e saiu pela região escapular esquerda.<sup>10</sup>

De acordo com a interpretação dos peritos Issac Abramovitch e Abeylard de Queiroz Orsini, os ferimentos foram produzidos em tiroteio. Entretanto, no gráfico apresentado por Massini, anexado ao laudo, resta comprovado que os tiros foram disparados de cima para baixo e que, dada a localização dos ferimentos, estes não poderiam ter sido produzidos em tiroteio. Trata-se de ferimentos típicos de execução. O exame das fotos localizadas nos arquivos do DOPS/SP evidenciou, por outra parte, a existência de lesões indicativas de tortura, não descritas no laudo de 1972: “ferimento contundente com área equimótica na região mamária; equimoses profundas sobre os olhos, nariz edemaciado; ferimento corto-contuso próximo à axila esquerda”.<sup>11</sup>

Em audiência realizada pela Comissão da Verdade de São Paulo, em 24 de fevereiro de 2014, Iara Xavier Pereira afirmou que:

Os agentes envolvidos na captura de Ana, Iuri e Marcos eram o então comandante do DOI-CODI, Carlos Alberto Brilhante Ustra, o senhor Pedro Lima Moêzia de Lima, o Dulcídio... Vocês veem que os nomes se repetem sempre, né? Dulcídio Wanderley Boschilia, Renada D’Andréa, Jair Romeu, Isaac Abramovitch, Abeylard de Queiroz Orsini, Arnaldo Siqueira e o declarante Pedro de Oliveira [...]<sup>12</sup>

Os restos mortais de Marcos foram trasladados e sepultados no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro (RJ).

## LOCAL DE MORTE

Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército, São Paulo, SP.

## IDENTIFICAÇÃO DA AUTORIA

### 1. CADEIA DE COMANDO DO(S) ÓRGÃO(S) ENVOLVIDO(S):

#### 1.1. DOI-CODI DO II EXÉRCITO

**Presidente da República:** general de Exército Emílio Garrastazu Médici

**Ministro do Exército:** general de Exército Orlando Beckman Geisel

**Comandante do II Exército:** general de Exército Humberto de Souza Mello

**Chefe do Estado Maior do II Exército:** general de Brigada Ernani Ayrosa da Silva

**Chefe do DOI do II Exército:** major Carlos Alberto Brilhante Ustra

## 2. AUTORIA DE GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

| NOME                            | ÓRGÃO                    | FUNÇÃO  | CONDUTA PRATICADA PELO AGENTE | LOCAL DA GRAVE VIOLAÇÃO | FONTE DOCUMENTAL/TESTEMUNHAL SOBRE A AUTORIA   |
|---------------------------------|--------------------------|---|-------------------------------|-------------------------|--|
| Carlos Alberto Brilhante Ustra. | DOI-CODI II Exército/SP. | Major de Artilharia, Comandante.  | Tortura e assassinato.        | N/C.                    | O então Major Carlos Alberto Brilhante Ustra comandou o DOI-CODI/SP de 1970-1974.        |
| Pedro Ivo Moézia de Lima.       | DOI-CODI II Exército/SP. | Capitão de Infantaria, comandante da Companhia de Comando e Serviço (CCsv). | Captura.                      | N/C.                    | Depoimento de Iara Xavier Pereira na 108ª Audiência da Comissão da Verdade de São Paulo. |
| Dulcídio Wanderley Boschilia.   | DOI-CODI II Exército/SP. | Primeiro-sargento.  | Captura.                      | N/C.                    | Depoimento de Iara Xavier Pereira na 108ª Audiência da Comissão da Verdade de São Paulo. |
| Renato D'Andréa.                | DOPS/SP.                 | Delegado de Polícia.  | N/C.                          | N/C.                    | Depoimento de Iara Xavier Pereira na 108ª Audiência da Comissão da Verdade de São Paulo. |

## FONTES PRINCIPAIS DE INVESTIGAÇÃO

### DOCUMENTOS QUE ELUCIDAM AS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL   | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO   | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO                      | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO   |
|---|--|--|--|
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0063_0007, pp. 19-21.   | “Três Terroristas morrem em tiroteio” 15/06/1972.                  | <i>O Estado de S. Paulo.</i>                     | Divulga a versão da morte de Marcos Nonato da Fonseca, reproduzindo a versão dos órgãos de segurança.  |
| Acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional): PRC_SPR_00009_030015, pasta 00058, p. 21. <a href="http://hemerotecadigital.bn.br/">http://hemerotecadigital.bn.br/</a> | “Terroristas resistem e são mortos durante o tiroteio”, 15/6/1972. | <i>Jornal do Brasil.</i>                         | Relata a versão da morte de Marcos Nonato da Fonseca no conflito com os órgãos de segurança. Apresenta a ficha do militante, anunciando seus codinomes, sua trajetória política e as ações armadas das quais participou.               |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0013_0002, pp. 23-24.   | Relatório, sem data.   | DOPS/SP.   | Relata as investigações dos órgãos de segurança efetuadas após a ação do “Comando Gastone Lúcia Beltrão” da ALN no roubo da firma D.F. Vasconcelos em São Paulo. O nome de Marcos Nonato consta na lista dos “terroristas” procurados. |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0063_0007, p. 35.   | Certidão de óbito, 14/6/1972.                                      | Cartório do 20º subdistrito – Jardim América/SP. | Indica anemia aguda traumática como causa de morte de Marcos Nonato da Fonseca, e que o corpo foi sepultado no Cemitério da Guanabara.   |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFANBSB_AT0_0063_0007, p. 37.   | Requisição de exame.   | IML/SP.  | Indica que Marcos Nonato da Fonseca morreu em tiroteio com agentes dos órgãos de segurança.  |

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL   | TÍTULO E DATA DO DOCUMENTO   | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO   | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO   |
|---|--|---|--|
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFNBSB_AT0_0063_0007, pp. 43-45.                            | Laudo de Exame de Corpo Delito, 14/6/1972.   | IML/SP.   | Descreve que Marcos Nonato foi atingido por disparo de arma de fogo ao travar tiroteio com os órgãos de segurança. O militante teria falecido em virtude de anemia aguda.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFNBSB_AT0_0063_0007, pp. 53-54.                            | Comunicação DOPS/SP, sem data  | Divisão de Comunicação da Polícia civil, Secretaria de Segurança pública, DOPS. | Autoriza a remoção do corpo de Marcos Nonato a ser sepultado no jazigo da família no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFNBSB_AT0_0063_0007, p. 90.                                | Ata do Cemitério São João Batista do traslado dos restos mortais para exame pericial, 13/1/1997. | Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.                                   | Informa a abertura das sepulturas de Ana Maria, Marcos Nonato e Zuleika Angel para realização de perícia pelo antropólogo forense Luis Bernardo Fondebrider e pelo perito Nelson Massini.  |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFNBSB_AT0_0063_0007, pp.108-116.                           | Parecer Médico Legal, perito Nelson Massini, 30/1/1997.  | Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP).               | Ressalta que o corpo de Marcos Nonato apresentava lesões que não foram identificadas no laudo original do IML, como se o corpo não tivesse sido aberto para exames anteriormente. O laudo necroscópico omite uma perfuração de projétil de arma de fogo que se mostra evidente nas fotos anexadas ao documento. A análise indica que o corpo de Marcos foi atingido deitado, com tiros de cima para baixo e de frente pra trás. Sugere que o militante não tinha como defender-se no momento em que foi atingido por disparo de arma de fogo, estando, portanto, em dependência policial sob o controle do Estado. |
| Arquivo Nacional, CEMDP: BR_DFNBSB_AT0_0013_0002, pp. 107-120.                          | Informe Antropológico Forense.   | Equipo argentino de Antropología Forense.                                       | Trabajos de exhumacion y análisis de laboratorio de los restos óseos de Marcos Nonato De Fonseca y Ana Maria Nacinovic De Correa, efectuados en la ciudad de Rio de Janeiro, entre los días 13 y 15 de enero de 1997.  |
| Arquivo Nacional, SNIG: AC_ACE_44662_72, pp. 2-7.                                       | Informação nº 727, 23/3/1972.  | Centro de Informações do Exército (CIE).  | Informe sobre a ALN e o MOLIPO que aponta o nome de Marcos Nonato da Fonseca como militante da “regional São Paulo”.   |
| Arquivo <i>Brasil: nunca mais</i> digital: TRB00217.0177, MPF_BNM_07, Pasta 622, p.176. | Informe, sem data.   | Delegacia de Roubos e Furtos, Secretaria de Segurança Pública.                  | Descreve Marcos Nonato como “um dos mais perigosos componentes da ALN da Guanabara, porque, andando sempre armado, atira sem o menor motivo (...)”.  |
| Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53   | 108ª Audiência pública no auditório Teotônio Vilela, 24/2/2014.                                  | Comissão da Verdade do estado de São Paulo “Rubens Paiva”.                      | Composta por José Carlos Dias (CNV), Iara Xavier Pereira (ex-integrante da ALN), Francisco Carlos de Andrade (ex-presos político), Pedro Luiz Lemos Cunha (perito da CNV) e Mário Yared (perito da CNV).   |
| Arquivo CNV, 00092.000493/2012-48   | “Contra subversão”.  | Escola Nacional de Informações (EsNI).  | Croqui com detalhes da operação que resultou na morte de Ana Maria Nacinovic, Marcos Nonato da Fonseca e Iuri Xavier Pereira.  |

| IDENTIFICAÇÃO DA TESTEMUNHA  | FONTE  | INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA O CASO   |
|------------------------------|--|--|
| Iara Xavier Pereira.         | Comissão da Verdade do estado de São Paulo Rubens Paiva. | Iara declara que a morte de Marcos Nonato e Alex Xavier não foi um caso fortuito e sugere que os policiais estavam perseguindo-os há tempos. Segundo a depoente, Marcos e Alex não morreram no carro, sendo levados para outro local antes de ir ao IML. |
| Francisco Carlos de Andrade. | Comissão da Verdade do estado de São Paulo Rubens Paiva. | Declarou que no pátio da Oban viu os corpos de Marcos Nonato da Fonseca, Iuri Xavier Pereira e Ana Maria Nacinovic.  |

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Diante das investigações realizadas, conclui-se que Marcos Nonato da Fonseca foi morto em decorrência de ação praticada por agentes do Estado brasileiro, em contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidas pela ditadura militar, implantada no país a partir de abril de 1964.

Recomenda-se a continuidade das investigações sobre as circunstâncias da morte de Marcos Nonato da Fonseca, assim como a completa identificação dos agentes envolvidos no caso.

1 – Brasil. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. *Direito à memória e à verdade. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007, pp 300-303; Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos (BRASIL); Instituto de Estudos sobre a Violência do Estado – IEVE. Org. Crimeia Schmidt *et al. Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 349-353.

2 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, p. 19.

3 – Arquivo Nacional, SNI: BR\_DFANBSB\_V8\_AC\_ACE\_109623\_75\_004, p. 330.

4 – Arquivo CNV, 00092.000493/2012-48, p. 233.

5 – Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53, p. 19.

6 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0013\_0002, p. 49.

7 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, p. 37 e pp. 43-45.

8 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, p. 35.

9 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, pp. 43-45.

10 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, pp. 43-45.

11 – Arquivo Nacional, CEMDP: BR\_DFANBSB\_AT0\_0063\_0007, p. 108-116.

12 – Arquivo CNV, 00092.003103/2014-53, p. 15.